

PRÁTICAS COLECIONISTAS E POLÍTICAS CULTURAIS: REFLEXÕES SOBRE ALGUNS DOCUMENTOS RELIGIOSOS SALVAGUARDADOS NA BBM

Silveli Maria de Toledo Russo

INTRODUÇÃO

Serão enaltecidas, neste breve texto, as possibilidades de pesquisa sobre colecionadores, bibliófilos, artistas, escritores, objetos de arte e livros, e respectivos contextos socioeconômicos e culturais que primaram pela formação dos espaços institucionalizados de museus e bibliotecas no Brasil, e que possibilitam a sua salvaguarda e exposição ao público. Além disso, também serão exaltadas as perspectivas de análise sobre a dinâmica da trajetória de práticas colecionistas no Brasil.

A ideia de que a visita aos espaços institucionalizados de museus e bibliotecas é em si uma forma de produção cultural e estímulo de saberes parte do avanço no entendimento dos fundos documentais ali salvaguardados. Isso além da observância do grau de responsabilidade e ações que cabe aos envolvidos, tanto no resguardo de todo o patrimônio material presente quanto nas políticas educacionais de acesso público ao seu estudo e pesquisa.

Nesta perspectiva, avista-se a importância do estudo integrado, a partir do diálogo que se assume como campo de descobertas plurais, entre as três categorias de fundos documentais passíveis de serem sal-

vaguardadas: textual, iconográfica e tridimensional. Tais descobertas, afortunadamente, têm vindo reforçar as várias indagações sobre os interesses, crenças e ideologias dos detentores de coleções e de seus acervos – sobretudo aqueles de cunho religioso (litúrgico e de devoção) – oriundos da sociedade colonial.

Acredita-se, portanto, que a interlocução dos diversos fundos documentais é passível de assegurar ao estudo integrado uma consistente base de conhecimentos. Pierre Bourdieu, em *Méditations Pascaliennes*¹, ajuda-nos a elevar os valores da observação sociológica e do processo mental de percepção, memória e juízo, que orientam a estreita ligação das representações simbólicas no processo pelo qual os objetos tridimensionais e os documentos escritos se tornam colecionáveis e ensinam a formação de um acervo.

Ocorre lembrar do evento ocorrido na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin da Universidade de São Paulo, BBM, no mês de novembro de 2018, sob o título: “Bibliofilia: Circuitos e Memórias” e direcionado ao debate acerca das práticas colecionistas e da memória dos livros. Na ocasião, Marisa Midore Deaecto bem lembrou que “ao trilhar os (des) caminhos do colecionismo, buscamos reforçar nossos laços com os livros e com as instituições e as pessoas que os preservam”².

Pautados na citação de Deaecto, recorda-se, ao sabor do que interessa a este texto, as vicissitudes do patrimônio bibliográfico (tardo-setecentistas e oitocentistas) salvaguardado na BBM: livros; iconografias (estampas e álbuns ilustrados); manuscritos históricos e literários (originais e provas tipográficas); obras de literatura e relatos de viagens; livros da Impressão Régia no Brasil³, que foram concedidos ao respeitável casal de bibliófilos/colecionadores, Guita Kauffmann (1916-2006) e José Ephim Mindlin (1914-2010), pelo também respeitável bibliófilo Rubens Borba de Moraes (1899-1986), visto que todos alcançam um lastro bastante significativo ao corroborar a história das práticas religiosas e devocionais, e vão além!

Seguindo as conceituações de um dos mais expressivos agentes de leilões da centúria passada, o francês Maurice Rheims (1910-2003),

1. Pierre Bourdieu, *Méditations Pascaliennes*, p. 163.

2. Marisa Midore Deaecto, disponível em <https://www.bbm.usp.br/node/404> (2019.03.24; 16h).

3. Rubens Borba de Moraes, em parceria com Ana Maria de Almeida Camargo, organizou a obra *Bibliografia da Impressão Régia do Rio de Janeiro (1808-1822)*, com vistas a apresentar a lista de documentos “Leis”, “Alvarás”, “Decretos”, “Cartas Régias”, entre outros, veiculados nos referidos livros. As publicações da Impressão Régia do Rio de Janeiro, entre 1808 e 1822, tiveram em vista ressaltar as medidas tomadas pela Coroa portuguesa, estabelecida no Rio de Janeiro, e promover a integração política das diferentes regiões surgidas do processo de colonização da América; corroborar a efetivação do projeto de criação de um novo império português na América; e legitimar o projeto político e a relação existente entre cultura e poder no reformismo ilustrado português.

em seu livro, intitulado: *La Vie Étrange des Objets: Histoire de la Curiosité*⁴, permite-se dizer que existe aqui um sentido que supera o propósito de construir uma memória histórica e poder informacional; existem indícios que possibilitam observar na alma do colecionador um vínculo afetivo com os objetos que detém, fato esse que, por certo, contribuiu para o fortalecimento e sistematizações da dinâmica de aquisições.

A incontornável competência de Maurice Rheims é evocada também por José Perdigão, em sua obra *Calouste Gulbenkian. Colecionador*, especificamente no trecho em que a obra apresenta os doze critérios utilizados por Rheims no estabelecimento de valores passíveis de regulamentar a aquisição de um objeto de arte (diga-se também: de um livro) por parte do colecionador, são estes: “a harmonia, a personalidade, o estilo da época, o caráter, a qualidade de execução, o tema, o encanto do motivo, a antiguidade, a linguagem, a originalidade, a estranheza, a raridade”⁵.

Toma-se a liberdade de dizer que a relação de José Mindlin, assim como a de Rubens Borba de Moraes, com as obras de suas coleções, é passível de se enquadrar na expressão “afinidades eletivas”⁶, pois deixa notar um sentimento que mescla afetividade e erudição, situando-os à margem do universo dos bibliófilos (acumuladores), ao desconsiderarem o valor comercial da coleção (vista *a priori* como investimento), privilegiando o seu valor histórico e, reitera-se, o vínculo afetivo que se estabelece, haja visto, como exemplo, certos trechos das cartas de Rubens Borba de Moraes ao livreiro português, António Tavares de Carvalho, que seguem:

S. Paulo 27/7/63

Prezado amigo,

Foi uma grande e agradável surpresa os livros que me mandou por avião. Não sei como lhe agradecer essa atenção e desculpar-me da despesa extra que lhe dei.

Passei estes dias lendo, fichando e remexendo nesses livros. Encontrei muita coisa interessante e digna de nota. Esta semana vou levar ao encadernador os *Breves Pontíficos* para fazer a metamorfose! Vamos ver como fica.

4. Maurice Rheims, *La Vie Étrange des Objets: Histoire de la Curiosité*, 1959.

5. José Perdigão, *Calouste Gulbenkian. Colecionador*, p. 23.

6. Por Jean Séguy: “A ‘afinidade eletiva’, segundo Weber, exprime uma dupla ‘possibilidade’ social: de um lado, aquela que tem a ver com a relação constante estabelecida entre uma forma de ideologia (aqui, a religiosa) e os interesses de uma classe econômica ou de status; de outro, a ‘possibilidade’, não menos significativa, que existe para que a flexibilidade das estruturas e da ação social impeça que essa relação seja necessária”. (Jean Séguy, *Christianisme et Sociétés*, p. 251).

A encadernação que me mandou é de fato muito bonita e tenho grandes esperanças que com a mudança de pele meu exemplar fique esplêndido.

Verificando nas minhas notas os livros que lhe encomendei verifiquei que só me falta receber:

Sermoens da Im. Conceição de Caetano Lopes Pereira

[...]

Estarei brevemente com o Mindlin para devolver-lhe uns livros que me emprestou, falaremos de si com amizade e cativos pelas suas gentilezas.

Abraços do

Rubens Borba de Moraes⁷

Em outra carta, lê-se igualmente o notório interesse que houve por parte do bibliófilo à componente física das obras e de seus artistas produtores: a arte da encadernação, entre outros, bem como a atenção direcionada às obras raras:

S. Paulo 15 set. 63

Prezado amigo,

Recebi ontem o pacote contendo o manuscrito com o poema de Teresa Margarida da Silva Orta e o volume da Imprensa Régia com as “vésperas” de S. Sebastião que pertenceu à Infanta Isabel Maria. Muito obrigado.

[...]

A obra da Imprensa Régia é também uma preciosidade tanto mais que minha coleção é bastante boa, seja dito sem vaidade, e estou sempre pensando em fazer uma Bibliografia da Imprensa Régia, pois a única que existe, os *Anais da Imprensa Nacional* de Vale Cabral, é raríssima e incompleta.

[...]

Muito atentiosamente do amigo

R B de Moraes⁸

Afora tais percursos conceituais e documentais, esta trajetória de fontes metodológicas de análise inclui outras relevantes informações que podem ser recolhidas a partir do testemunho oral. A bibliotecária Maria Cristina Carvalho Antunes (1950-2019), que exerceu a função de gestora da coleção do bibliófilo José Mindlin, no decurso de trinta anos, e a de curadora da BBM (2013-2019), desde a sua inauguração, no ano de

7. Plínio Martins Filho (org.), *Cartas de Rubens Borba de Moraes ao Livreiro Português António Tavares de Carvalho*, pp. 126-129.

8. *Idem*, pp. 142-144.

2013⁹, sempre enfatizou em suas falas a importância do caráter público da biblioteca, seguindo assim os desígnios de José Mindlin¹⁰.

Sobre Rubens Borba de Moraes, Antunes enfatizou, do mesmo modo, a preocupação deste bibliófilo em promover o conhecimento; tal afirmativa também se vê escrita no livro da curadora, intitulado *Rubens Borba de Moraes: Anotações de um Bibliófilo*, especificamente no seguinte trecho: “Rubens se dedicou especialmente a colecionar os autores brasileiros do período colonial. [...] A importância da sua produção pode ser avaliada não só por sua qualidade, como pela preocupação de propagar a cultura brasileira”¹¹.

Diante desse cenário promissor, julgo por bem finalizar esta introdução na expectativa de dar início à leitura de alguns conjuntos de representações discursivas, textuais e iconográficas, produzidos por memorialistas brasileiros e estrangeiros estabelecidos no Brasil; à leitura dos discursos eclesiais que, alinhados a sentimentos religiosos, outrora reconhecidamente capazes de exercer influência e prestígio, unem-se hoje a valores sociais e à necessidade de compartilhá-los em reflexões com os públicos.

Reitera-se que tais iniciativas, de expor ao público o patrimônio adquirido, corroboram, e muito, a reconstituição de saberes, possibilitando reviver memórias e valores (religiosos), e estabelecer vínculos identitários. Enquanto musealizados, os testemunhos documentais atuam como interlocutores dinâmicos de diálogos sempre reabertos: ora sobre a essência do ato de produção que lhes deu origem, ora sobre as fontes manuscritas – de cunho eclesial – que direcionaram suas recomendações e conceitos, e vigilância ao fazer artístico, no âmbito do serviço litúrgico e da espiritualidade católica.

FONTES MANUSCRITAS E IMPRESSAS NOTÁVEIS NO ACERVO DA BBM

1 OS MANUSCRITOS DAS IRMANDADES: UM IMPORTANTE CONTRIBUTO PARA ESTE ESTUDO

Congratula-se os vinte capítulos, com capitulares, do manuscrito sob o título “Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora das Mercês dos pretos crioulos incorporada na sua Igreja, que elles edificarão, ornarão, e paramentarão, na Villa de San Jozé comarca do Rio das Mortes

9. Reitera-se que a nova sede da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin foi criada em janeiro de 2005 e inaugurada como órgão da Pró-reitora de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo, em março de 2013.

10. Como partícipe do Sistema Integrado de Bibliotecas (SIB) da USP, a BBM alinha-se ao sistema de administração das bibliotecas da USP e aos objetivos da Universidade.

11. Cristina Antunes, *Rubens Borba de Moraes: Anotações de um Bibliófilo*, p. 13.

bispado de Marianna capitania de Minas Geraiz estado do Brazil instituido no anno de 1796”¹² em que vislumbra já no fólho de rosto a minuciosa iconografia de Nossa Senhora [Figura 1], cuja produção, data de 1796, foi realizada a pedido dessa irmandade sediada na mesma igreja, como o próprio título do documento revela.

Trata-se de um livro notável que consta entre os manuscritos de excelência do acervo da BBM-USP; excelência essa justificada pela notória qualidade artística da obra que a estampa dos vinte fólhos oferece à contemplação dos leitores [Figura 2]. Ainda se sabe pouco sobre tal manuscrito brasileiro oitocentista, a não ser algumas informações adquiridas por meio de uma carta com timbre do Ministério da Educação e Cultura endereçada a José Mindlin [Figura 3], no ano de 1986, em que se faz menção ao artífice mineiro de nome Manoel Victor de Jesus (1760-1828)¹³, e atribui a ele a autoria das representações artísticas e do trabalho caligráfico de excelência estilística, ali inserido.

Como atesta Olinto Rodrigues dos Santos Filho, historiador e servidor do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Iphan, Minas Gerais, e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Tiradentes, o artífice Manoel Victor de Jesus ofereceu grandes realizações artísticas para a cultura material da Vila de São José, atual Tiradentes, sendo o responsável por inúmeras obras não só na antiga Vila como também em seus arredores¹⁴. Segundo informações veiculadas pelo Vitae/Iphan, especificamente no livro que trata do “Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados”, lê-se o seguinte:

A Irmandade de Nossa Senhora das Mercês dos Pretos Crioulos foi instituída no dia 14 de dezembro de 1756. [...]. As pinturas do forro, retábulo, arco-cruzeiro são de autoria do artista Manoel Victor de Jesus e, parecem ter sido concluídas em 1821. São também de sua autoria, a pintura de um azulejo na capela-mor, credências, sacras e uma bandeira da Irmandade. [...]. O interior possui apenas o rico altar-mor, de gosto rococó, policromado e dourado por Manoel Victor de Jesus, com decoração em rocalhas, flores e

12. BBM – Biblioteca Brasileira Mindlin, Localização: M1j 350, Código de barras: 45000008528.

13. Segundo a Historiadora de Arte, Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira: “Manoel Victor de Jesus – o alferes Manoel Victor de Jesus nasceu em 1760 e faleceu em 1828, em São José del-Rei, hoje Tiradentes. Suas obras com datação mais antiga são as pinturas da sacristia e do consistório da matriz de Santo Antônio, executadas em 1782. Posteriormente, pintou na mesma igreja a caixa do órgão e o teto do consistório dos Passos. Em princípios do século XIX, executou seus trabalhos mais importantes: as decorações pictóricas das igrejas de Nossa Senhora das Mercês de Tiradentes e de Nossa Senhora da Penha do arraial do Bichinho, hoje Vitoriano Veloso. As tonalidades fortes de azuis e tons terrosos são características de seu estilo. Sua especificidade iconográfica são os coros angélicos e os temas marianos”. Myriam A. R. de Oliveira, *Barroco e Rococó nas Igrejas de São João del-Rei e Tiradentes*, p. 133.

14. Olinto R. dos Santos Filho, *Manoel Victor de Jesus, Pintor Mineiro do Ciclo Rococó*, pp. 231-242.

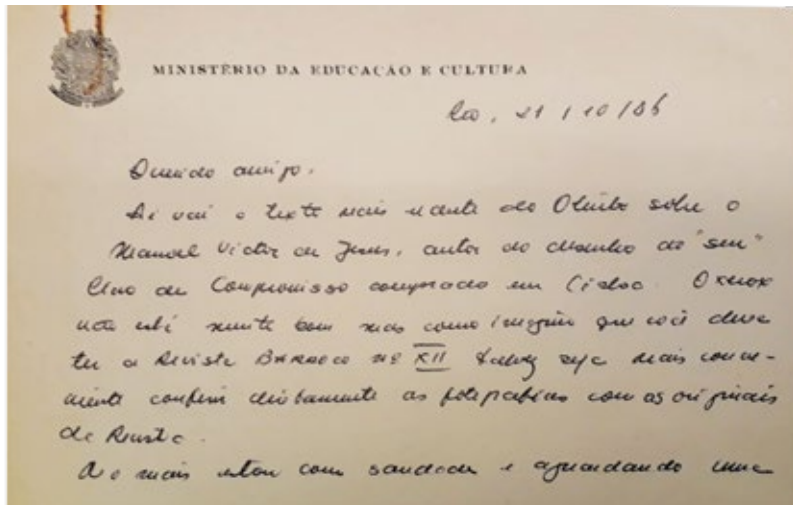



Figura 1. Frontispício do Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora das Mercês dos pretos crioulos ... incorporada na sua Igreja, que elles edificarão, ornarão, e paramentarão, na Villa de San Jozé comarca do Rio das Mortes bispado de Marianna capitania de Minas Geraiz estado do Brazil instituido no anno de 1796... Minas Gerais. Editor: [S.n.], 1796, 20 p.: il. Fonte: Acervo de Manuscritos da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin PRCEU/USP.

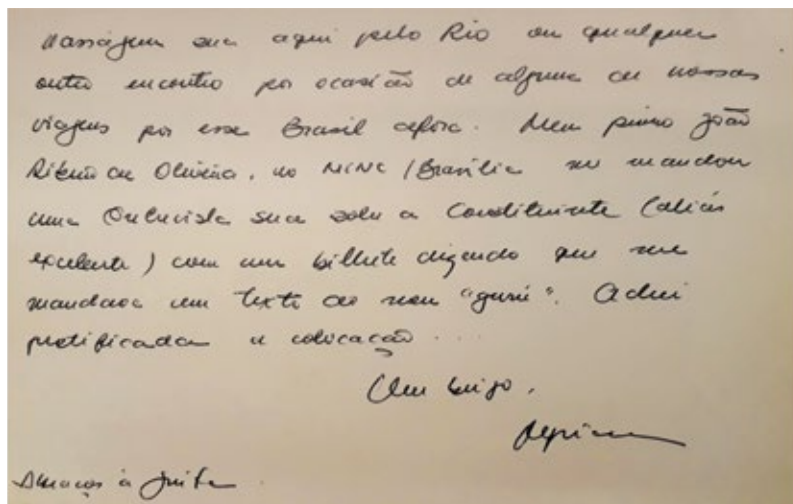


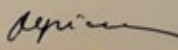
Figura 2. Fólio de rosto do Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora das Mercês dos pretos crioulos ... incorporada na sua Igreja, que elles edificarão, ornarão, e paramentarão, na Villa de San Jozé comarca do Rio das Mortes bispado de Marianna capitania de Minas Geraiz estado do Brazil instituido no anno de 1796... Minas Gerais. Editor: [S.n.], 1796, 20 p.: il. Fonte: Acervo de Manuscritos da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin - PRCEU/USP.

Figura 3 a/b. Frente e verso de carta com timbre do Ministério da Educação e Cultura endereçada a José Mindlin, no ano de 1986. Fonte: Acervo de Manuscritos da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin- PRCEU/USP.




 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
 Rio, 21/10/86
 Querido amigo,
 Lá vai o texto sobre a anti-oliva sobre o
 Manuel Victor de Jesus, autor do chamado do "sem"
 Clue do Compromisso comprado em Lisboa. O texto
 não vai muito bem não como ninguém que não deve
 ter a revista BARRACO Nº XII talvez seja mais conve-
 niente conferir diretamente as fotografias com as originais
 de Ruy de.
 Ao não estar com saudades e aguardando uma



Managem seu aqui pelo Rio em qualquer
 outra ocasião por ocasião de alguma de nossas
 viagens por esse Brasil além. Meu primo João
 Ribeiro de Oliveira, do RINC/Brasília me mandou
 uma Olivista sua sobre a Constituinte (aliás
 excelente) com um bilhete dizendo que me
 mandasse um texto do meu "guri". Achei
 justificada a colocação.
 Um beijo,

 Atenciosamente à filha

marmoreados de cores fortes, pouca talha em aplique, com coroamento em arco pleno e tarja. [...]. As belas pinturas de Manoel Victor de Jesus, ao gosto rococó, cobrem os forros da nave e capela-mor. Nesta encontra-se pintura em caixotões representando cenas da Ladainha da Virgem e na nave achase representada Nossa Senhora das Mercês, com os braços abertos sobre o Manto da Misericórdia; cercada por nuvens e anjos, e muro-parapeito com figuras diversas de santos e anjos¹⁵.

Essa perspectiva de estudo integrado, assumido como campo de descoberta acerca de informações apresentadas nas fontes primárias, vem aqui reforçar os saberes da pesquisadora interessada, acerca da história do culto, das vicissitudes de posse, da iconografia utilizada. Reitera-se que o acervo da BBM possui exemplos de manuscritos do século XVIII, em número apreciável e em qualidade diversificada de espécimes.

As afinidades de processo e de estilo dos fólhos dos manuscritos oitocentistas, como o do *Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora das Mercês dos Pretos Crioulos ...* apontam explicitamente para as pinturas de Jesus, ao sabor “rococoizante”, que revestem o forro da nave em que se vê representada Nossa Senhora das Mercês, com os braços abertos sobre o Manto da Misericórdia e ladeada por nuvens e anjos; aí é possível encontrar evidências de paralelos em modelos e estilemas de pose, percebido nos fólhos do *Compromisso ...*, que atinge apuros de sensibilidade e fidelidade na definição dos traços.

A Irmandade das Mercês era uma confraria muito poderosa que no Brasil Colônia se reservou aos afrodescendentes nascidos no Brasil, tornando-se uma importante agremiação no século XIX, sobretudo no Estado de Minas Gerais, onde chegou a alcançar a aprovação e o afeto da população de fiéis em geral. Relevante citar que nos anos finais do século XIX, o bem-aventurado Dom Antônio de Sá e Benevides (1836-1896), 1º Bispo de Mariana, com vistas a observar a efetivação, no dia a dia, de manifestações religiosas mais abrangentes, conseguiu a elevação da Irmandade das Mérces à Arquiconfraria, título que abraça até hoje e marca a sua presença na cidade de Tiradentes.

No caso do *Compromisso...* em pauta, escolher o pintor Manoel Victor de Jesus foi por certo a indicação mais coerente, tratando-se de artífice crioulo e da casa, e sempre ativo para as encomendas. As observações que agora se coloca transcende, assim, o mero destaque do processo artístico, pois vêm também elevar o campo para a percepção do que foram a iconografia mariana e a arte caligráfica inseridas nos

15. Vitae/Iphan, disponível em <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1223> (2019.04.02; 11h).

manuscritos da Igreja Católica Apostólica Romana ao longo da empresa colonizadora administrada pelo encontro dos poderes civil e religioso, por meio do regime do Padroado: “Padroado Régio”¹⁶.

O Padroado se revelou uma modalidade alinhada aos cânones da iluminação católica recomendada pelo “Concílio de Trento” (1545 e 1563)¹⁷. Nesse sentido, são destacados também os dois concílios predecessores: o “Concílio de Constança” (1414-1418) e o “Quinto Concílio de Latrão” (1512-1517) que desde logo constituíram um momento de relevantes direcionamentos voltados ao regulamento, sobretudo das manifestações populares.

De acordo com o texto conciliar, a comunicação que o homem estabelece com Deus através de seus Santos se apoia nos suportes materiais e sensíveis que são as suas representações iconográficas, como forma de intermediar a relação do visível com o invisível, em vista de reforçar a fé católica e estimular a devoção. Deste modo, as imagens e seus motivos iconográficos passam a obedecer a “normas estéticas, éticas, ideológicas e políticas que presidem a sua produção, a partir do momento em que o Concílio de Trento elevou seu papel como um importante instrumento de afirmação e promoção do catolicismo.”¹⁸

Além dos Compromissos, o acervo da BBM possui outros exemplos de manuscritos religiosos do século XVIII, que atestando serem fontes privilegiadas na eleição dos bibliófilos, como se pode aferir também na obra do Presbítero Secular, Joaquim Pereira Jorge Guaraciaba, intitulada:

Oração funebre recitada por ocasião das exequias que fez celebrar a Sociedade Portuguesa de Beneficencia de Campos dos Goytacazes, provincia do Rio de Janeiro, na capella da veneravel Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo, da mesma cidade, em suffragio ás almas de sua magestade fidelissima do Senhor D. Pedro V Rei de Portugal e dos Algarves e de seu augusto irmão o senhor D. Fernando no dia 17 de Janeiro de 1862.

16. Seguindo as palavras de Dalila Zanon, observa-se que “o padroado régio (ou secular), concedido pela primeira bula em 1455 e que não irá se alterar até o século XVIII, era o direito de apresentação ao papa pelo rei de um bispo para as dioceses que ele criava nos novos territórios. Frente à apresentação o papa somente confirmava o candidato”. Neste trecho, a autora reitera que “o padroado dos benefícios, também chamado benefícios infra episcopais, benefícios menores ou benefícios eclesiásticos, refere-se às funções dos bispos dentro de uma diocese. O bispo possui a jurisdição temporal e espiritual dentro de uma diocese, como o dever de recolher os dízimos, nomear sacerdotes para as paróquias, bem como nomear clérigos para o Cabido diocesano e mais cargos da diocese”. (Dalila Zanon, *A Ação dos Bispos e a Orientação Tridentina em São Paulo (1745-1796)*, p. 25).

17. O Concílio de Trento, realizado entre 1545 e 1563, foi promulgado num momento em que a Igreja Católica procurava reafirmar seus princípios dogmáticos diante da Reforma Protestante em expansão na Europa: “estabelecer a doutrina sã, ortodoxa, [...] manter os bons costumes, emendar os maus, com exortações, e admoestações [...] e estabelecer o mais que o lugar, tempo, e ocasião permitir para o proveito dos fiéis, segundo julgar a prudência dos que visitam”. (*Idem*, p. 5).

18. Silveli Maria de Toledo Russo, *Espaço Doméstico, Devoção e Arte*, p. 203.

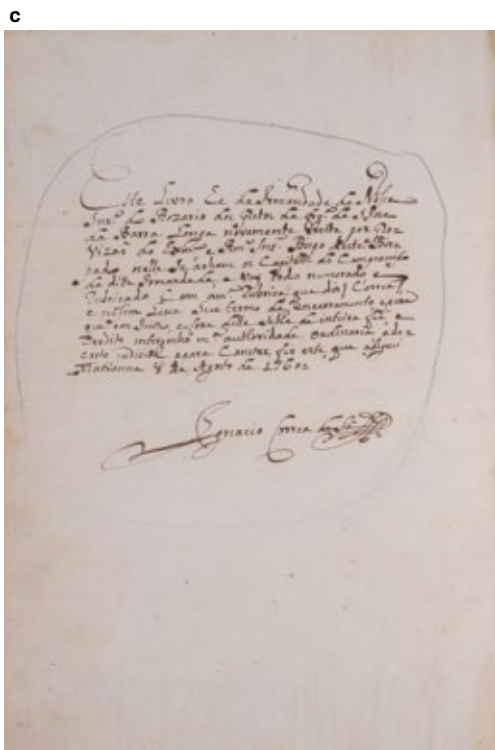


Figura 4. Joaquim Pereira Jorge Guaraciaba, Capa (a); ex-libris de Rubens Borba de Moraes, (b); e página de rosto (c) de “Oração fúnebre (...)”, 1862, encadernação em veludo roxo, com armas reais portuguesas gravadas a ouro e pintadas à mão no primeiro espelho e decoração oval no segundo espelho, 22,0 x 15,0 cm, Rio de Janeiro, Editor Tipografia do Comercio. Fonte: Acervo Digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin - PRCEU/USP. São Paulo. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br>. Acesso em: 10 jul. 2019.

Sobre a encadernação desta obra, vê-se a utilização do veludo roxo e bordadura em formato oval à capa do livro e o carimbo de D. Domingos António Maria Pedro de Sousa Holstein (1818-1864), II Duque de Palmela, na folha de rosto (Figura 4 a/b/c).

2 VIAJANTES ESTRANGEIROS NA HISTORIOGRAFIA DA ARTE RELIGIOSA BRASILEIRA.

Ao percorrer o âmbito das interpretações discursivas e imagéticas da igreja, recolhe-se alguns registros de práticas da religiosidade do oitocentos, como as gravuras/litografias (1839) de Thierry Frères, realizadas a partir de desenhos que o pintor francês Jean Baptiste Debret (1768-1848) havia produzido ao longo de sua permanência no Brasil (1816 a 1831); o registro a seguir [Figura 5], intitulado: *Les Premières Occupations du Matin. Quêteurs. Voeu d'une Messe Demandée Comme Aumône*¹⁹, ilustra bem uma particularidade no tocante ao caráter funcional que o oratório por vezes adquiriu, ao extrapolar os espaços dos templos e das moradias e circunscrever-se no espaço urbano, com seu uso baseado no propósito de arrecadar fundos para a construção de templos destinados às irmandades.

A literatura de viagem apresenta uma produção bastante ampla, tanto na perspectiva geográfica como na temática, em que se identifica, como visto, os objetos religiosos e suas formas de distribuição e uso. Já a respeito dos espaços das moradias, bastante ilustrativo é o testemunho de Jean Baptiste Debret sobre a residência de um proprietário de estância: “é uma vasta casa de vários andares, em cujo rés-do chão existe sempre um altar servido por um capelão que vem aos sábados à noite e passa a manhã de domingo com a numerosa família do estancieiro” (Figura 6). Também, pode-se notar pelas informações arroladas em diversos inventários da Capitania de São Paulo, entre os itens “objetos privados de devoção”, as despesas realizadas com os elementos de culto inseridos no quarto do oratório, a exemplo das imagens religiosas.

Para corroborar tais interpretações, julga-se importante reconhecer a acepção da palavra “imagem” no presente contexto; lê-se no *Diccionario Technico e Historico*, de 1875, composto por Francisco de Assis Rodrigues, que “Imagines se chamam as figuras do culto

19. Tradução de título: [Primeiras ocupações da manhã. Coletores. Voto de uma missa paga com esmolas]

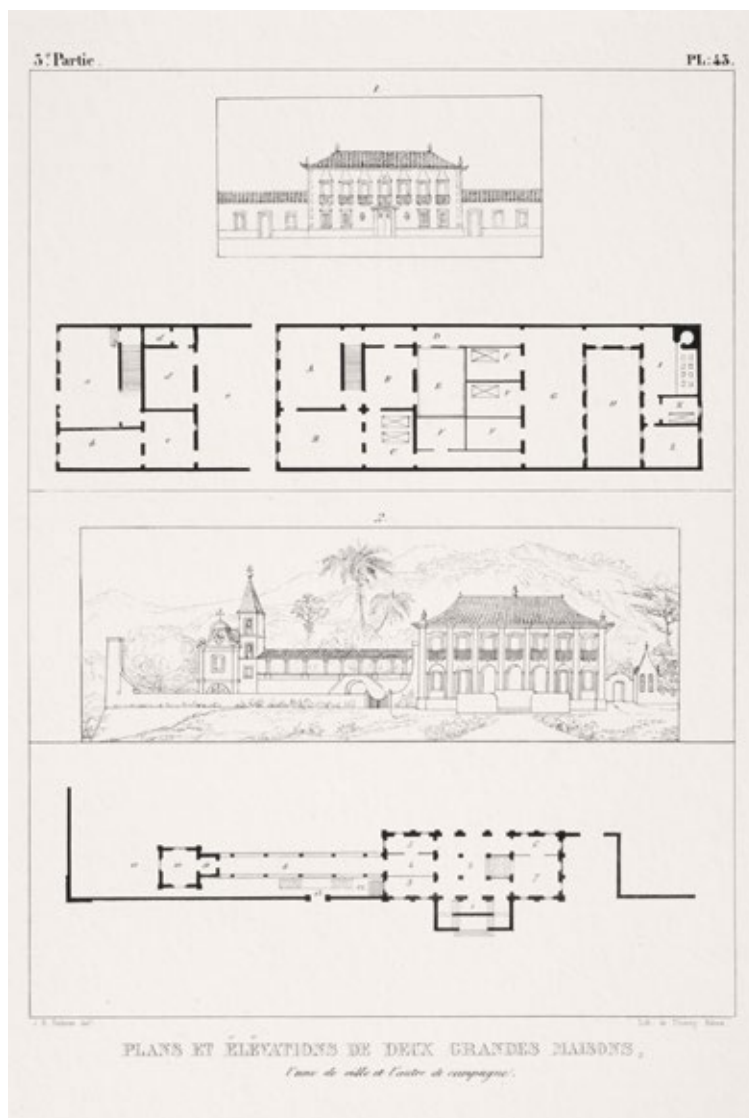
Paris: Firmin Didot Frères, 1839, 1 grav.: litografia pb.; dimensões da grav.: 33,5 x 25,6 cm em f. 54,0 x 35,5 cm; dimensões da imagem: 3861 X 2569 pixels; 300 dpi (resolução); BBM/4716

20. Jean Baptiste Debret, *Voyage Pittoresque et Historique au Brésil...*, p. 60.



Figura 5. Debret, Jean Baptiste, 1768–1848. Les Premières Occupations du Matin. Quêteurs. Voeu d'une Messe Demandée Comme Aumône. Paris: Firmin Didot Frères, 1839, 1 grav.: litografia pb.; dimensões da grav.: 33,5 x 25,6 cm em f. 54,0 x 35,5 cm; dimensões da imagem: 3861 X 2569 pixels; 300 dpi (resolução). Fonte: Acervo Digital de Manuscritos da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin – PRCEU/USP.

Figura 6. Jean Baptiste Debret, 1768-1848. Plans et Élévations de Deux Grandes Maisons : l'Une de Ville et l'Autre de Campagne. Paris: Firmin Didot Frères, 1839, 1 grav.: litografia pb.; dimensões da grav.: 33,8 x 22,9 cm em f. 54,0 x 35,5 cm; dimensões da imagem: 2592 x 3872 pixels; 300 dpi (resolução) Fonte: Acervo Digital de Manuscritos da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin -PRCEU/USP.



catholico [...] em vulto ou mesmo em pintura ou estampa”²¹, e resgata-se o pensamento de Pierre Bourdieu, citado no início deste texto, sobre o valor da observação sociológica e do processo mental de percepção, memória e juízo que orientam a estreita ligação das imagens às experiências e ao entendimento do processo por meio do qual os objetos tornam-se colecionáveis e ensejam a formação de uma coleção.

3 A IMPORTANTE PRESENÇA DAS REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS.

Prossegue-se, portanto, com o conjunto de reflexões sobre as fontes primárias salvaguardadas na BBM, e aproveito para elevar a capacidade de representação das imagens no contexto histórico em estudo, que adquire uma dinâmica bastante especial, proveniente do notável respeito da devoção às várias invocações da Virgem Maria, dos santos e anjos da corte divina, e a toda uma diversidade de símbolos religiosos. A devoção mariana, com vasto significado no medievo, gerou resultados notabilíssimos nos trabalhos artísticos dos séculos posteriores, sobretudo acerca dos dogmas de Imaculada Conceição de Maria²².

A Imaculada Conceição, idealização de pureza feminina, é a mais relevante das idealizações de Maria. A esse respeito, lembra-se que o período de maior atuação da monarquia espanhola a favor da Imaculada Conceição coincidiu com a fase de domínio sobre Portugal e as Américas (1580-1640). Daí infere-se justificar a decisão da monarquia portuguesa em consolidar um culto nacionalista dirigido à Nossa Senhora da Conceição em Portugal, no ensejo da restauração de seu poder. Foi assim, segundo Maria Beatriz Mello e Souza, por meio

21. Francisco de Assis Rodrigues, *Diccionario Technico e Histórico de Pintura, Esculptura, Architectura e Gravura*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1875, p. 222.

22. Considera-se interessante descrever os concílios em favor dos dogmas da Imaculada, por Mario Vicino, *Imago Mariae*, pp. 53-54: “1. Concílio de Éfeso. - O primeiro grande Concílio geral de Éfeso, concílio ocorrido em Éfeso, na Ásia Menor, a mando do imperador Teodósio II (c. 408-450), em 431, referencia Maria Imaculada como isenta de toda mancha de pecado, tal interpreta o antigo Sofronio c. 560-638; Patriarca de Jerusalém c. 634-638), citado por um dos grandes luminares patrísticos, São Jerônimo (c. 331-419/420): *ideo immaculata quia in nullo corrupta*. S. Hieron, *Serm. de Assumpt*. 2. Concílio de Toledo. - O quarto Concílio de Toledo, celebrado em 634, aprova com louvor o missal reformado pelo Santo Isidoro Arcebispo de Sevilla (c. 560-636); neste, o ofício da Imaculada Conceição está escrito que a Virgem foi preservada do pecado original por um privilégio justamente devido à sua dignidade de Mãe de Deus. 3. Outro Concílio de Toledo. - O décimo primeiro, celebrado em 675, aprova a doutrina de Santo Idelfonso (c. 606-667) e professa, como o tal, que Maria foi imune do pecado original. 4. Concílio de Constantinopla. - O terceiro Concílio de Constantinopla - o sexto Concílio ecumênico, realizado nos anos 680-681 recebe a carta da profissão de fé de Sofronio com aplausos, e portanto invoca Maria livre do contágio do pecado: *Mariam fuisse liberam ab omni contagione peccati*. 5. Concílio de Niceia - O segundo Concílio ecumênico de Niceia - o sétimo Concílio ecumênico, ocorrido em 787, ratificado pelo papa Adriano I (c. 700-795), refere-se à Santa Virgem como *immacolata, irreprehensibile, e più pura di tutta la natura e sensibile e intellettuale, più pura cio è degli Angeli del cielo che non peccarono mai né di colpa attuale, né originale*. conforme nos mostra Mario Vicino, em *Imago Mariae*. 6. - Concílio de Ossovra - Se celebrou no ano de 1222 na Inglaterra, em que foi ordenada a festa da Conceição de maria, que já se celebrava n Oriente. 7. Concílio di Basilea ... e 8. Concílio di Trento”.

de uma promessa, que D. João IV proclama a Imaculada Conceição padroeira de Portugal e de suas colônias, a partir de 1646.²³

Foi por meio do culto mariano, especialmente imaculista, que D. João IV “quis provar a legitimidade de seu poder, ligando a dinastia de Bragança, que ele iniciava, como primeiro monarca português que deu origem a um culto nacionalista de Maria”, diga-se afixando-a tanto como símbolo da restauração monárquica quanto como “símbolo para aqueles que buscavam justificar a conquista portuguesa no Brasil”. A Imaculada Conceição de estirpe branca, como imagem idealizada pelos portugueses, chegou assim ao Brasil²⁴.

A divulgação da Imaculada Conceição e a afirmação de seu dogma, passou, com muita ênfase, a figurar como símbolo do ideal de pureza, influenciando a devoção imaculista na religiosidade portuguesa e, conseqüentemente, nas Américas. O tipo iconográfico da Imaculada Conceição, assim como se pode reconhecê-la na colonização da América portuguesa, alcança seu formato baseado na descrição escatológica da mulher do Apocalipse e da Virgem das Litanias. Maria Beatriz Mello e Souza adverte que:

O tipo de maior importância neste caso é a “Virgem das Litanias” ou Virgem da Ladainha que surgiu por volta de 1500. Aqui Maria é representada jovem, mãos postas em oração, cabelos longos e o corpo como que “flutuando” num espaço não definido. Ela está cercada de atributos mencionados no antigo testamento – sobretudo no Cântico dos Cânticos – simbolizando – sua pureza. [...] É ainda comum encontrarmos uma inscrição com as palavras do Cântico 4, 7 [Toda tu és formosa, amiga minha e em ti não há mácula].²⁵”

A “Puríssima” se encontra comumente na pose de oração sobre o crescente de lua, pisando na serpente, vestida de sol, coroada de doze estrelas e cercada com alguns dos símbolos do Cântico dos Cânticos. Na imagem a seguir [Figura 7], do pintor e desenhista francês François-Auguste François Biard (1799-1882), a Imaculada aparece com os traços mais característicos do vocabulário imaculista, ou seja, a coroa, o crescente de lua envolvido por uma serpente e as mãos postas em oração²⁶. Percebe-se que a atitude física das mãos não está a indicar

23. Maria Beatriz Mello e Souza, “A Imaculada Conceição, Símbolo do Chiaroscuro no Barroco Brasileiro”, *Revista Barroco*, p. 347.

24. *Idem*, *ibidem*.

25. *Idem*, pp. 344-346.

26. François-Auguste Biard, *Un Tableau de L'église de la Parahyba du Nord*. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3240>.



Figura 7. *Auguste François Biard*,
Un Tableau de l'Église de la Parahyba
du Nord. Paris, *Librairie de L. Hachette et
C.*, 1862, 1 grav. pb.; gravura em madeira,
dimensões da grav.: 10,5 x 9,5 cm em f.
24,0 x 15,0 cm; dimensões da imagem:
1216 x 1354 pixels; 300 dpi (resolução).
Fonte: Acervo Digital de Manuscritos da
Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin
-PRCEU/USP.

oração, no sentido de rogo, mas uma oferta ablativa e que comunica um sentimento de gratidão.

Em continuidade à leitura teológica dos referidos dados iconográficos, é possível dizer que o “elemento primitivo da vitória de Deus sobre a serpente”, segundo a narração dos Gênesis 3, 9-15 se faz presente. Segundo Carlos Azevedo, “A serpente, pela astúcia e insinuação perigosa, representa o mal concreto, que está presente no interior do mundo criado, um mal que tem na pessoa humana o lugar de combate”. A lua, como ornamento astral, é apocalíptica. “O Apocalipse é um livro destinado a consolidar a fé dos crentes e a reavivar a sua esperança”²⁷.

Há, assim, nas poucas intervenções aqui expostas o reflexo artístico que as diretrizes da Igreja anunciam e outrossim a metodologia que se busca para ser capaz de ver melhor e à grande distância, lançando olhos de lince, o comparatismo estilístico e a avaliação crítica dos processos sociais de encomenda e produção, bem como de circulação, transferência e recepção das manifestações artísticas e práticas culturais entre Europa (Portugal) e América (Brasil), e a sempre necessária contextualização histórica com vistas a sustentar a pesquisa multidisciplinar no que respeita à história dos objetos religiosos como disciplina.

A clareza intelectual a respeito do tema é possível de ser alcançada pelas possibilidades de estudo sobre as diretrizes da Igreja ao fazer artístico dessa produção, à iconologia e ao diálogo com a antropologia da arte; disciplinas passíveis de se relacionarem às expressões do historiador de arte Aby Warburg (1866-1929) e às ideias operativas das *Nachleben*²⁸, ou memórias transmigradas dos códigos imagéticos, cuja análise parece ter fortalecido a tradição mais recente dos estudos iconológicos.

E assim, na certeza de que o patrimônio artístico e bibliográfico, *lato sensu*, é a mais-valia das políticas culturais, faz-se necessário que os acervos que o salvaguarda valorizem as diferentes interações “cognitivas, experienciais e sociais com os públicos”, e seguindo a definição utilizada no “Código de Ética” do Conselho Internacional de Museus (Icom) continuar a atuar como “instituições permanentes, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, abertas ao público, que adquirem, preservam, pesquisam,

27. Carlos A. Moreira Azevedo, *Estudos de Iconografia Cristã*, pp. 66-67.

28. Aby Warburg, *The Renewal of Pagan Antiquity: Contributions to the Cultural History of the European Renaissance*, 1999

comunicam e expõem, para fins de estudo, educação e lazer, os testemunhos materiais e imateriais dos povos e seus ambientes”²⁹, como polos aglutinadores, que são, de fragmentos históricos heterogêneos do passado.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Com a aproximação de uma análise da prática do colecionismo e da bibliofilia, na perspectiva das iniciativas de estabelecimento de instituições abertas ao público no Brasil, e suas interfaces, diversos aspectos foram questionados. Entretanto, conforma-se por agora em apresentar as sintéticas reflexões aqui empreendidas, na expectativa de que outros estudos desta pesquisadora possam complementá-las, e certamente aperfeiçoá-las.

Expôs-se alguns documentos com o intuito de fortalecer os desafios colocados para a abordagem das formas materiais do passado, atualmente salvaguardadas. Intuito esse que ofereceu à análise muitos informes e também desafios, justificado pela complexa teia de motivações que corroboram o senso de identidade e pertencimento a partir de discursos e significados culturais do passado para o entendimento no presente, seja para contestar, seja para manter as ideias recebidas.

Note-se, por fim, que as obras concernentes ao acervo fundador da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, doado pelo bibliófilo José Mindlin, possuem o *ex-libris* *Je ne fay rien sans Gayeté*: “Não faço nada sem alegria”. Nesta perspectiva, julga-se por bem bisar a ideia de que o ato de colecionar não se limita ao registro dos objetos e de seus elementos constitutivos, nem a uma consciência estética subordinada à pura *aisthesis*³⁰; a busca concentra-se na fluidez dos significados implícitos, subjacentes à tangibilidade visível dos objetos e de sua materialidade.

Isso é o que se verificou neste trecho do escrito de Laujane Smith:

Identidade não é simplesmente produzida ou representada por lugares ou datas patrimoniais mas, na verdade, é ativada e continuamente recriada e negociada enquanto pessoas, comunidades e instituições reinterpretam, relembram, esquecem e reavaliam o significado do passado em relação às necessidades sociais, culturais e políticas do presente³¹.

29. Maria Isabel Roque, in *a.muse.arte*, (2019/03/27; 22h)

30. Jacques Rancière, *Aisthesis. Scènes du Régime Esthétique de L'art*.

31. Laurajane Smith, “Theorizing Museum and Heritage Visiting”, p. 460.

Fala-se de um processo que para além de perscrutar os significados do passado deve perquirir inclusive o conjunto de experiências vividas, emocionais ou afetivas, e memórias daqueles que os interpretam. ●

SOBRE A AUTORA

Silveli Maria de Toledo Russo é graduada em Artes Plásticas pela Unesp (1986); graduada em Arquitetura e Urbanismo e especialista em *Design* de Ambientes pela BELAS-ARTES de São Paulo (1993 e 2002); doutora em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-USP (2010), com estágio pós-doutoral pelo Programa Nacional de Pós-doutorado, PNPd-Capes/ FAU-USP (2016). Pesquisadora residente na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin da Universidade de São Paulo; investigadora colaboradora no Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; membro do comitê científico da *Revista Arte y Patrimonio*, Universidad de Córdoba, Espanha; autora de livro, capítulos de livro e artigos científicos; docente nos cursos de graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Paulista e das Faculdades Metropolitanas Unidas/Laureate.

PRÁTICA COLECIONISTAS E POLÍTICAS CULTURAIS: REFLEXÕES SOBRE ALGUNS DOCUMENTOS RELIGIOSOS SALVAGUARDADOS NA BBM p.216

RESUMO Os estudos e debates sobre as políticas de gestão do patrimônio cultural nacional têm recebido uma crescente atenção no campo das ciências sociais e humanas, em especial no âmbito disciplinar da bibliotecologia e da museologia, percebidos em diversos eventos e publicações acadêmicas. Neste sentido, este artigo tem em vista contextualizar as potencialidades de aprendizagem e educação que os consultantes de instituições patrimoniais podem alcançar a partir de suas investigações artísticas e/ou científicas, numa dinâmica suscetível de ir além da aquisição de conhecimento e reconstituição de saberes, como a de reviver memórias e valores e estabelecer vínculos identitários, e por conseguinte corroborar o sentido de pertencimento social e cultural.

BRASIL • PATRIMÔNIO CULTURAL NACIONAL • FONTES MANUSCRITAS E IMPRESSAS • FONTES ICONOGRÁFICAS • SÉCULO XIX.

COLLECTIONIST PRACTICES AND CULTURAL POLICIES: REFLECTIONS ON SOME RELIGIOUS DOCUMENTS SAVED AT BBM

ABSTRACT In recent years, studies and debates on national cultural heritage management policies have received increasing attention in the field of social and human sciences, especially in the disciplinary field of librarianship and museology, perceived in various events and academic publications. In this sense, at first, this article aims to contextualize the potential of learning and education that the consultants of heritage institutions can achieve from their artistic and / or scientific investigations, in a dynamic that can go beyond the acquisition of knowledge and reconstitution of knowledge, such as reliving memories and values and establishing identity bonds, and therefore corroborate the sense of social and cultural belonging.

BRAZIL • NATIONAL CULTURAL HERITAGE • MANUSCRIPT AND PRINTED SOURCES • ICONOGRAPHIC FONTS • XIX CENTURY.

REFERÊNCIAS

LIVROS

- ANTUNES, Cristina. *Memórias de Uma Guardadora de Livros*. São Paulo, Imprensa Oficial, 2004.
- . *Rubens Borba de Moraes: Anotações de um Bibliófilo*. São Paulo, Publicações BBM, 2017, p. 13.
- AZEVEDO, Carlos. *Estudos de Iconografia Cristã*. Vila Nova de Gaia, Fundação Manuel Leão, 2016 (Arte & artistas; 5).
- BOURDIEU, Pierre. *Méditations Pascaliennes*. Paris, Seuil, 1997.
- CABRAL, Alfredo do Valle. *Anais da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro de 1808 a 1821*. Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 1881.
- CAMARGO, Ana Maria de Almeida; MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro*. São Paulo, Edusp; Kosmos, 1993.
- CHAHON, Sérgio. *Os Convidados para a Ceia do Senhor: as Missas e a Vivência Leiga do Catolicismo na Cidade do Rio de Janeiro e Arredores (1750-1820)*. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2001.

- DEBRET, Jean Baptiste, 1768-1848, *Voyage pittoresque et historique au Brésil [...] ou, Séjour d'un Artiste Français au Brésil, depuis 1816 jusqu'en 1831 inclusivement, époques de l'Avenement et de l'Abdication de S. M. D. Pedro 1er, fondateur de l'Empire brésilien. Dédié à l'Académie des Beaux-Arts de l'Institut de France*. Tome Deuxieme. Paris, Firmin Didot Frères, 1834.
- FORSTER, Kurt (coord.). *Aby Warburg. The Renewal of Pagan Antiquity*. London, The Getty Institute, 1999.
- MELLO E SOUZA, Maria Beatriz. "A Imaculada Conceição, Símbolo do Chiaroscuro no Barroco Brasileiro". In: *Revista Barroco*. Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto; Prefeitura Municipal de Ouro Preto, n. 15, 1990/1992.
- MORAES, Rubens Borba. *Cartas de Rubens Borba de Moraes ao Livreiro Português António Tavares de Carvalho*. São Paulo, Publicações BBM, 2018.
- _____. *O Bibliófilo Aprendiz / Rubens Borba de Moraes*. 5. ed. São Paulo, Publicações BBM, 2018.
- OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. *Barroco e Rococó nas Igrejas de São João del-Rei e Tiradentes*. Brasília, DF, Iphan / Programa Monumenta, 2010.
- PERDIGÃO, José. Calouste Gulbenkian. Colecionador. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.
- RANCIERE Jacques. *Aisthesis. Scènes du Regime Esthétique de L'art*. Paris, Éditions Galilée, 2011.
- RHEIMS, Maurice. *La Vie Étrange des Objets: Histoire de la Curiosité*. Paris, Plon, 1959.
- RODRIGUES, Francisco de Assis. *Diccionario Technico e Histórico de Pintura, Esculptura, Architectura e Gravura*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1875.
- RUSO, Silveli Maria de Toledo. *Espaço Doméstico, Devoção e Arte*. São Paulo, Alameda Editorial/Fapesp, 2014.
- SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos. *Manoel Victor de Jesus, Pintor Mineiro do Ciclo Rococó*. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 1982-1983.
- SÉGUY, Jean. *Christianisme et Société*. Introduction à la sociologie de Ernst Troeltsch. Paris, Cerf, 1980.
- SMITH, Laurajane. "Theorizing Museum and Heritage Visiting". *The International Handbooks of Museum Studies: Museum Theory*. Chichester, Wiley-Blackwell, 2015, pp. 459-484.
- VICINO, Mario. *Imago Mariae*. Castrovillari (CS), Editrice Aurora, 2016.
- VIDE, D. Sebastião Monteiro da. *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia. Feitas e Ordenadas pelo Ilustríssimo e Reverendíssimo Senhor D. Sebastião Monteiro da Vide, Propostas e Aceitas em o Synodo Diocesano, que o Dito Senhor Celebrou em 12 de junho do anno de 1707*. São Paulo, Typographia, 2 de dezembro, 1853.
- WARBURG, Aby. *The Renewal of Pagan Antiquity: Contributions to the Cultural History of the European Renaissance*, 1999.
- ZANON, Dalila. *A Ação dos Bispos e a Orientação Tridentina em São Paulo (1745-1796)*. 1999. 185 p. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

SUPORTES ELETRÔNICOS

- BIARD, Auguste François. *Un Tableau de L'église de la Parahyba du Nord*. Paris, 1862. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3240>.
- DAECTO, Marisa Midore, *Bibliofilia: Circuitos e Memórias*.
In <https://www.bbm.usp.br/node/404> (2019.03.24; 16h).
- ROQUE, Maria Isabel. "Em Torno da Definição de Museu". In *a.muse.arte*, 2019/03/27, <https://amusearte.hypotheses.org/3671>. (2019.03.28; 10h). Versão portuguesa.
In <http://icom-portugal.org/2015/03/19/definicao-museu/>
- VITAE/IPHAN. *Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados*. Livro de Belas Artes. Inscrição: 475 (27.1.1964). Processo: 0066-T-38.
In <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1223> (2019.04.02; 11h).